

Representações da Amazônia em “*O paleógrapho ou arte de aprender a ler letra manuscrita para uso das escolas da Amazônia*”

Rosângela do Socorro Nogueira de SOUSA¹
Narciza Ramos LAMEIRA²

Resumo: Este trabalho consiste em uma leitura crítica de um livro escolar utilizado na Amazônia que teve relevância para o cotidiano social na passagem do Império para a República. Para tanto, investigamos discursos presentes em ‘*O paleógrapho ou arte de aprender a ler letra manuscrita para uso das escolas da Amazônia*’ a fim de analisar as possíveis representações sociais no livro. A abordagem teórico-metodológica utilizada tem como base os estudos de Moscovici (2003), para conceituação da representação social; e, para realizarmos a análise e elucidarmos a noção de discurso, foi feito um curto delineamento desse conceito sob o ponto de vista da Análise de Discurso Crítica (ADC), a partir de Resende e Ramalho (2011). A análise indicou que as representações sociais contidas no livro apontaram para uma representação cujo nó estrutural gira em torno da natureza, recursos naturais e arquitetura urbana, silenciando aspectos socioeconômicos que pudessem deixar entrever os problemas sociais e afastar a imagem mental de paraíso idílico que, historicamente, paira sobre a região amazônica.

Palavras-chave: Representação Social; Amazônia; Paleógrapho.

Introdução

Os estudos sobre representação social são de grande relevância para a compreensão do mundo social. Dessa forma, analisar as representações sociais consiste em desvendar os eventos sociais que tiveram relevância para o cotidiano. Moscovici (2003, p.31) afirma “que nossas respostas aos estímulos estão relacionadas à determinada definição, comum a todos os membros de uma comunidade à qual nós pertencemos”. O autor relata, sobre representação, que “se, ao dirigirmos pela estrada, nós encontrarmos um carro tombado, uma pessoa ferida e um policial fazendo um relatório, nós presumimos que houve um acidente” (2003, p.3), pois esse conjunto de fatores nos conduz à representação psíquica de um acidente.

Com base nessa percepção sobre representação, o presente artigo se debruça sobre as representações sociais contidas no livro ‘*O Paleographo ou arte de aprender a ler a letra manuscrita*’. As bases teóricas que sustentam a análise fazem a interseção entre a Teoria das Representações Sociais, a partir dos pressupostos de Moscovici (2003), e a Análise de Discurso Crítica (ADC), desenvolvida por Norman Fairclough.

¹ Doutora em Linguística. Professora da Universidade Federal do Pará – Campus de Bragança. E-mail: rsns@ufpa.br.

² Aluna do curso de Letras – Língua Portuguesa – UFPA – Campus de Abaetetuba. E-mail: narcizaramos9@gmail.com

A análise do ‘*Paleographo ou arte de aprender a ler a letra manuscrita*’ (1906) centrar-se-á no modo como as capitais amazônicas, Belém e Manaus, aparecem descritas no livro. Nossa hipótese é de que as representações contidas no livro se pautam no imaginário da floresta, sendo definidas a partir dos aspectos relacionados à natureza, que ainda são as representações que se tem hoje sobre a região amazônica.

A pesquisa foi norteada pela seguinte questão: Quais traços marcam as representações sociais de duas das capitais Amazônicas, que possam esclarecer alguns dos aspectos de representação social que marcam o período de transição de Império para República, e permanecem até a atualidade?

Com essa perspectiva, pretendem-se analisar quais são as representações sociais predominantes no livro ‘*Paleógrapho ou Arte de aprender a letra manuscrita*’, 29ª edição, de 1906, na transição do Império para a República, considerando que “nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura” (Moscovici, 2003, p.35).

Temos em mente que o objetivo primeiro deste manual era o trabalho com a letra manuscrita, mas os textos contidos nos livros traziam em si aspectos relacionados à grandiosa região amazônica que, inevitavelmente, eram incutidos na mente dos estudantes que tiveram contato com a obra assim como outros indivíduos que tomam a obra como referência de escolarização no período em que circulou nas escolas amazônidas. Essas representações, de certo, alimentam o imaginário e as concepções sobre a região, criando uma imagem que circulava e que, até mesmo hodiernamente, circula como retrato da Amazônia.

Como objetivos específicos, consideramos descrever quais aspectos são privilegiados nas descrições das cidades Belém e Manaus em fragmentos dos textos em que o autor apresenta as duas das capitais amazônicas e, ainda, analisar que aspectos são silenciados no discurso sobre as capitais a partir de trechos da obra em questão.

Embasados na perspectiva das representações sociais, analisaremos o *corpus*, retirado do livro. Por conseguinte, classificamos enunciados que remetem às categorias analíticas representação dos eventos sociais e presunção. Os resultados das análises apontam para a representação da Amazônia pelas riquezas e suas florestas e pelo silenciamento de aspectos sociais relevantes sobre a real situação dessas capitais na transição de Império para a República.

Em um primeiro momento, trataremos de expor as representações sociais através dos estudos de Moscovici (2003). Em seguida, abordaremos a ADC, por meio dos estudos de

Ramalho e Resende (2011). E, em um terceiro momento, delinearemos as categorias para a identificação das representações presentes no texto, seguido da análise e das considerações.

Representações Sociais

O primeiro teórico a se referir às representações sociais como representação coletiva foi Émile Durkheim. Segundo este autor, o pensamento individual seria um fenômeno puramente psíquico, mas que não se reduziria à atividade cerebral, e o pensamento social não se resumiria à soma dos pensamentos individuais (MOSCOVICI, 2003). Este autor destaca que a Sociologia viu as representações sociais como artifícios exploratórios, não se importando com sua estrutura ou dinâmica interna.

Filiado à corrente de pensamento Sociopsicológico, em que a psicologia social está situada no cruzamento entre os conceitos sociológicos e psicológicos, Moscovici (2003) observa que a psicologia social contemporânea persiste em apresentar um tipo de desenvolvimento descontínuo de paradigmas que mudam e se substituem. A psicologia social se preocupa somente com a estrutura e a dinâmica das representações, quando, para Moscovici, não existe separação entre o universo interno e o externo do sujeito, uma vez que este se situa em um universo social e material. Tratando de conceituar representações sociais, o autor indica que estas são entidades tangíveis:

Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através de uma palavra, de um gesto, ou duma reunião em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria das nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos, e as comunicações que estabelecem. (MOSCOVICI, 2003, p.10)

Trata-se, portanto, de uma construção que o sujeito faz para entender o mundo e para se comunicar. As comunicações, nas representações sociais, têm papel fundamental, pois é através dela que se configura nosso cotidiano, no agir e interagir com os outros. Um indivíduo que nasce em uma determinada região adquire conhecimento, costumes e hábitos daquele lugar de origem, como em algumas regiões amazônicas, que costumam tratar de algumas enfermidades com ervas medicinais, e tal conhecimento é passado de pai para o filho, de uma família para outra, dessa forma se torna cultura regional. Segundo Moscovici (2003.p.8), “Esse exemplo além de ilustrar o papel e a influência da comunicação no processo da representação social, ilustra também a maneira como as representações se tornam senso

comum. Elas entram para o mundo comum e cotidiano que nós habitamos”, mas com resultados positivos e tornando-se uma realidade social para região, transmitindo saberes.

A teoria das representações sociais tem como objetivo explicar e compreender fenômenos sociais, considerando que, de acordo com Moscovici (2004), a finalidade de todas as representações é tornar familiar algo não familiar, o que significa que o indivíduo precisa conhecer o objeto ou sujeito para representar. Tornar familiar, no entanto, não está livre de nossas posições sociais ou interesses na forma como ao que consideramos ser o dever ser da representação. Nossa formação sócio-histórica, nosso lugar social, tem peso no modo como veiculamos determinadas representações como dado *a priori*.

Crusoé (2004) acentua que a Teoria das Representações Sociais, abordada em termos de processo, consiste em saber como se constroem as representações, como se dá à incorporação do novo, do não familiar, aos universos consensuais.

Há numerosas ciências que estudam a maneira como as pessoas tratam, distribuem e representam conhecimento. Mas o estudo de como, e por que as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como eles transformam ideias em prática numa palavra, o poder das idéias - é o problema específico da psicologia social (MOSCOVICI, 2003, p.8)

As representações são sempre um produto da interação e comunicação, tomando forma e configuração específicas a qualquer momento, decorrente do equilíbrio específico dos processos de influência social, visto que é um sistema de valores, ideias e práticas, e com uma dupla função:

A primeira, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social, e controlá-lo e, em segundo lugar, possibilita entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e de sua história individual e social. (MOSCOVICI, 2003, p.21)

Desta feita, a escola tem papel importante na construção dessas representações, principalmente em momentos transitórios da história em que as representações ganham peso na conformação da sociedade aos projetos políticos. Nesse espaço de construções, a linguagem ganha espaço e, como discurso, carregam representações sociais e individuais, engendrando-se no senso comum, tão em descrédito no meio acadêmico. Conforme Moscovici (2003), o senso comum, com sua inocência, suas técnicas, seus arquétipos, comporta uma série de informações e impressões significativas quando se procura um referencial acerca de determinado tipo de conhecimento. Para Moscovici (2003.p.24), “a

teoria das representações sociais se mostrou suficientemente clara e precisa para apoiar e manter um crescente corpo de pesquisa”.

Considerando a perspectiva de que as representações sociais passam ao senso comum e se tornam já dado que sustentam aspectos ideológicos relacionados à sustentação de constrangimentos sociais, situações de desigualdade, inclusive acerca da exploração de recursos e retorno aos habitantes de regiões agressivamente exploradas, tomamos como aporte teórico, em uma perspectiva engajada de construção de sociedade, a Análise do Discurso Crítica (ADC), que toma o discurso como um momento das práticas sociais que influencia e é influenciado por essas práticas.

Diante disso, considerando que os textos podem ter efeitos causais sobre a realidade, a partir dos significados construídos nos textos, o modo como representamos a Amazônia, seja em textos da esfera pública, pedagógica etc. compreendemos a realidade amazônica hoje como fruto de um processo histórico pautado em uma representação, tal que

O movimento por justiça ambiental, neste caso, tem como base a compreensão de que secularmente a região amazônica é vítima de um modelo político, econômico e educativo escolar que tem atuado estrategicamente para ocultar a apropriação das suas riquezas naturais. Em tais estratégias persistem a invisibilização da população local, a desvalorização da sua cultura e, especialmente, a desqualificação dos seus saberes (ANDRADE, 2014). Estas questões têm reforçado uma rede de exclusão social e de problemáticas ambientais enquanto resultado da colonização, das políticas de “povoamento” e de comercialização da Amazônia (PORTO-GONÇALVES, 2017). Contudo, para combater tal problemática é necessário a participação social e, nesse sentido, os docentes são fundamentais ao processo de difusão e construção de outros saberes e representações sociais. (ANDRADE, 2018, p. 4)

Para dar sustentação a essa tese, apoiamos-nos nos pressupostos da Análise de Discurso crítica (ADC), apresentados na seção a seguir como aporte teórico-metodológico que dão conta dessas representações no discurso pedagógico presente no livro “O paleógrapho”, objeto de análise deste artigo. Em linhas gerais, corroboramos com a posição de Bueno (p. 79, 2008) de que “... a imagem aérea de uma floresta verde recortada por rios é a imagem mental mais recorrentemente associada à Amazônia.” As imagens recorrentes no senso comum são de selva, animais em meio às vias públicas e indígenas em tribos. Iconicamente, pode-se dizer que, ao referir-se à Amazônia, essa imagem representa a imagem que se encontra no imaginário popular e é alimentada por um histórico de relatos de viajantes, cartografia, filmografias e, também, no discurso pedagógico, lugar em que colocamos o Paleographo.

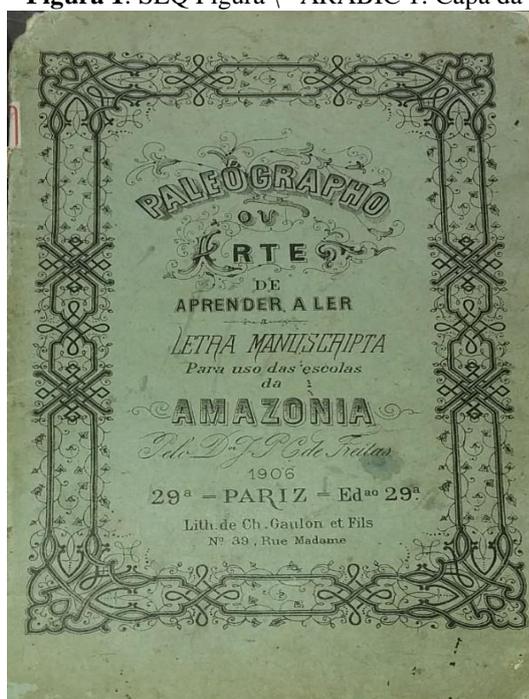
O Paleógrafo

Segundo Duarte (2018, p.111), “Na primeira metade do século XIX, a escolarização não era obrigatória no Brasil”, o que é indicativo de que não havia interesse dos governantes no desenvolvimento educacional do país. Essa falta de valorização, conseqüentemente, fez com que não houvesse investimentos para a publicação de obras didáticas para a região amazônica do norte do país. Contudo, Duarte (2018) afirma que

Na segunda metade do século XIX, além de ter sido um período de grande desenvolvimento das forças produtivas no mundo e também no Brasil, as lutas político-ideológica, especialmente, em favor da abolição da escravatura e pela República criaram um ambiente muito favorável à implantação do público leitor. (DUARTE, 2018, P. 114)

Dáí a necessidade de produzir obras que alcançasse esse público. Ver a necessidade de um público leitor não somente se configura como uma proposta de desenvolvimento social, mas uma proposta de desenvolvimento social pautada nos ideais de sociedade que pareciam pertinente ao sistema político da época. O livro *Paleógrapho ou arte de aprender a letra manuscrita* foi uma dessas obras que teve, em suma, uma grande contribuição para a formação intelectual de alunos das primeiras séries escolares.

Figura 1: SEQ Figura * ARABIC 1: Capa da



Fonte: Do arquivo pessoal das autoras

A preocupação em produzir uma obra que fosse usada na Amazônia, por si só, representa uma tentativa de criar uma identidade dentro da escola, desde os primeiros anos escolares, considerando toda a política de povoamento que foi feita em torno da ocupação da Amazônia, cuja origem estava em um projeto desenvolvimentista baseado na exploração de recursos naturais.

Duarte (2018, p.114) relata que “... muitos livros para infância, voltados para o ensino da leitura, foram produzidos em séries graduadas” como o livro de leitura *Paleógrapho ou arte de aprender a letra manuscrita*, que, conforme a autora é uma das obras que compreendem a transição do império para a república, alcançando dois momentos históricos da história do Brasil. Sobre sua organização, Batista (s/d) afirma que é possível inferir quatro grandes eixos: a primeira parte corresponde à apresentação do alfabeto, numerais, símbolos taquigráficos, abreviaturas e ornamentos para as letras do alfabeto. A segunda parte centra-se em textos sobre a temática nacional, a terceira apresenta textos literários e a quarta exemplos de epístolas manuscritas.

Especificamente, neste texto, serão analisadas as páginas cujas descrições correspondem aos dois grandes centros de desenvolvimento durante a Belle Époque, Belém e Manaus. Entendemos aqui a Belle Époque nos mesmos termos de Silva (2017), que nos apresenta em nota que a Belle Époque como o período de absorção de padrões culturais burgueses pelas capitais amazônicas, a partir de 1850. Essa absorção estava atrelada ao comércio da borracha no mercado internacional, pois, quanto mais a borracha se valorizava nesse comércio, “... mais as cidades de Belém, Manaus e a Amazônia de maneira geral se enredavam em relações de dependência financeira dos centros hegemônicos do capitalismo financeiro”. (SILVA, 2017, p. 55). A descrição desses dois centros urbanos compreende o intervalo da página 24 a página 31.

Sobre a representatividade da obra de Freitas, Duarte afirma que, em meio às produções de livros didáticos, consideradas significativas na Amazônia por ela, o livro *Paleógrapho ou arte de aprender a ler a letras manuscritas* teve seu lugar de destaque para a conscientização cultural amazônica. No entanto, é importante destacar que os aspectos culturais retratados estão atrelados a uma representação da Amazônia cujas características estão relacionadas mais aos aspectos arquitetônicos, pautados nos moldes da *Belle Époque*, e nos aspectos relacionados às riquezas naturais, pouco ou nada dito sobre as questões econômicas e sociais dos lugares descritos.

A pesquisa

A ADC baseia-se na teoria social, que tem Norman Fairclough como precursor. Ramalho e Resende (2011.p.13), assinalam a “linguagem como parte da prática social. Nessa perspectiva, o conceito de discurso é central, pois aponta tanto para o sistema quanto para seu uso contextualizado”. Com essa ideia de que um discurso dá sustento ao outro discurso, entende-se que todo texto tem um contexto e nem todo discurso tem uma só finalidade. O discurso político partidário é um exemplo explícito em que, com o intuito de persuadir prováveis eleitores, os candidatos formulam discursos enfáticos de forma que passe verdade em suas propostas eleitorais.

As autoras esclarecem que “A ADC não pesquisa a linguagem como um sistema semiótico nem como textos isolados, mas sim o discurso como um momento de toda prática social”. (Ramalho e Resende, 2011, p.14). Como a ADC não se prende a signos, isso significa que a todo o momento há produção de discursos no cotidiano de cada cidadão que refletem no seu meio social e cultural. Como afirma Ramalho e Resende (2011, p.17), “cada qual com suas particularidades e em seu contexto histórico, político e cultural, lançamos mão de discursos, gêneros e estilos específicos, em dadas situações sociais também específicas. Nesse sentido é que falamos em ‘discursos neoliberal’ por exemplo,”. Em suma, o discurso dá possibilidade ao cidadão de explicitar suas aquisições de experiências do seu mundo e em diferentes classes, exemplo disso é um discurso de um médico não se comparar ao discurso de um gari (RAMALHO e RESENDE, 2011).

Resende e Ramalho (2011, p.12) afirmam que “A ADC justifica-se por seu engajamento com a tradição da “ciência social crítica”, que visa oferecer suporte científico para a crítica situada de problemas relacionados do poder como controle”. Partindo desse pressuposto, tomaremos para análise fragmentos do livro paleógrafo ou arte de aprender a ler a letra manuscrita, identificando quais as representações sociais contida na obra de Joaquim Pedro Corrêa de Freitas alimentaram o imaginário sobre a região amazônica na transição do Império para a República.

O presente trabalho utilizará dos recursos desta teoria para aprofundar-se nas análises das representações sociais contidas em fragmentos do livro Paleógrafo ou Arte de aprender a letra manuscrita, considerando o modo como as capitais amazônicas, mais especificamente Belém e Manaus, eram descritas no paleógrafo.

Conforme Resende e Ramalho (2011, p. 75), “A ADC objetiva oferecer suporte científico para estudos sobre o papel do discurso em relação a problemas sociais

contextualmente situados. Daí sua vinculação a um paradigma interpretativo crítico”. Consideramos que a representação da Amazônia vinculada nesses manuais de leitura alimentava o imaginário popular e, em função disso, criava um estereótipo da região que nem sempre correspondia à realidade, por isso optou-se pelos pressupostos da ADC como paradigma interpretativo crítico. Diante disso, observamos algumas categorias previstas na ADC que pudessem subsidiar a perspectiva da representação social da Amazônia e os aspectos ideológicos atrelados a essas representações.

Assim, optamos pela pesquisa qualitativa, de cunho documental, pois analisaremos as representações contidas no livro “Paleógrapho ou a arte de ler a letra manuscrita”, a fim de traçar um perfil do imaginário alimentado sobre a Amazônia em manuais escolares do início da República que permanecem até os dias atuais.

Conforme Bueno (2008),

Num sistema representacional os elementos constitutivos da representação são hierarquizados. Para compreender a organização da representação é preciso evidenciar qual é o elemento ou os elementos que lhe dão significação e de que forma os elementos periféricos organizam-se em torno dela (BUENO, 2008, p. 79).

Assim, as categorias analíticas eleitas para a análise das representações no Paleógrapho, a partir da perspectiva da ADC, visam apresentar as formas e significados associados ao modo de representar a Amazônia em livros de leitura naquele período transitório do Império para a República, buscando mapear as conexões entre o aspecto discursivo e o não-discurso que impactam/impactavam a sociedade amazônica.

Diante disso, dentre as categorias apresentadas por Ramalho e Resende (2011), optamos por duas, em particular, por se considerar que atendem à proposta de analisar as representações do espaço amazônico neste trabalho.

O primeiro dos aspectos discursivos/textuais é a **Representação de eventos/atores sociais**. Para tratar desse aspecto, as autoras citam uma série de perguntas, das quais se aplicam a essa pesquisa:

- a) “Que elementos dos eventos sociais representados são incluídos ou excluídos?”
- b) “Que elementos incluídos são mais salientes?”
- c) “Como tempo, espaço e a relação entre ‘tempos-espacos’ são representados?”

O segundo aspecto é a **Presunção**. Para a qual é necessário pensar as seguintes questões:

- a) “Que presunções existenciais, proposicionais ou valorativas são feitas?”;

b) “É o caso de se ver algumas presunções como ideológicas?”

Diante dessas questões apresentadas pelas autoras, analisaram-se as representações das duas capitais amazônicas, Belém e Manaus, de modo que se pudessem problematizar as presunções ideológicas assinaladas pelas representações dessas duas capitais no livro em estudo.

Reflexivamente, essas categorias são implementadas e relacionadas com os modos gerais de operação da ideologia propostos por Thompson (2002a), conforme tabela a seguir, retirado de Vieira & Ramalho (2016):

Tabela 1: Modos gerais de operação da Ideologia conforme Thompson

Modos gerais de operação da ideologia	Estratégias típicas de construção simbólica
LEGITIMAÇÃO Relações de dominação são representadas como legítimas	RACIONALIZAÇÃO (uma cadeia de raciocínio procura justificar um conjunto de relações)
	UNIVERSALIZAÇÃO (interesses específicos são apresentados como interesses gerais)
	NARRATIVIZAÇÃO (exigências de legitimação inseridas em histórias do passado que legitimam o presente)
DISSIMULAÇÃO Relações de dominação são ocultadas, negadas ou obscurecidas	DESLOCAMENTO (deslocamento contextual de termos e expressões)
	EUFEMIZAÇÃO (valorização positiva de instituições, ações ou relações)
	TROPO (sinédoque, metonímia e metáfora)
UNIFICAÇÃO Construção simbólica de identidade coletiva	PADRONIZAÇÃO (um referencial padrão proposto como fundamento partilhado)
	SIMBOLIZAÇÃO DA UNIDADE (construção de símbolos de unidade e identificação coletiva)
FRAGMENTAÇÃO Segmentação de indivíduos ou grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante	DIFERENCIAÇÃO (ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio efetivo)
	EXPURGO DO OUTRO (construção simbólica de um inimigo)
REIFICAÇÃO Retratação de uma situação transitória como permanente e natural	NATURALIZAÇÃO (criação social e histórica tratada como acontecimento natural)
	ETERNALIZAÇÃO (fenômenos sócio-históricos apresentados como permanentes)
	NOMINALIZAÇÃO/PASSIVAÇÃO

	(concentração da atenção em certos temas em prejuízo de outros, com apagamento de atores e ações)
--	---

Fonte: Vieira & Ramalho (2016)

Os resultados dessa análise são apresentados na seção a seguir.

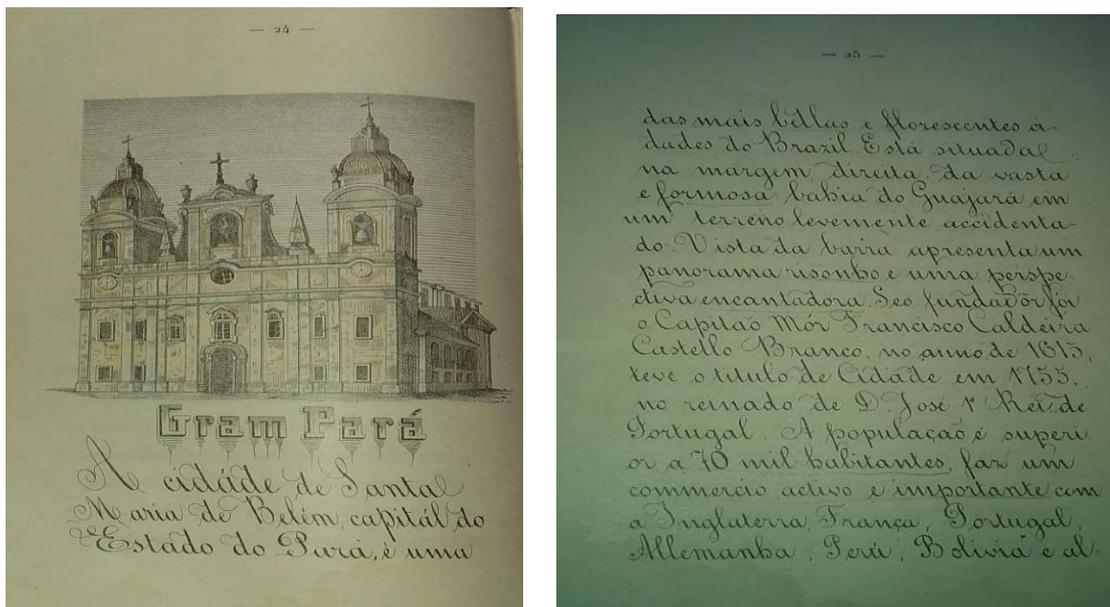
Representações da Amazônia e seus efeitos causais

Considerando que a representação cria no imaginário um conceito/estereótipo acerca do lugar ou pessoa representados, é possível entender os impactos que determinadas representações podem gerar sobre um grupo social, paisagem, região etc.

Uma teoria do “nó central” é proposta por Abric (1994), que demonstra a presença da mesma noção em outros autores, embora recebendo nomes distintos. A determinação do nó estruturante de uma representação social é essencialmente social e ligada às condições históricas, sociológicas e ideológicas da construção da representação. O nó central constitui um princípio organizador das representações, assegurando a coesão do conjunto da representação (Guimelli, 1994). Ele organiza a imagem do objeto e, ao mesmo tempo, o constrói (Flament, 1994). Para Flament (1994), quando a representação social é bem constituída, o objeto é totalmente definido pelo nó central da representação. (BUENO, p. 81, 2008)

No livro *Paleógrafo ou arte de aprender a ler a letra manuscrita*, Freitas (1906) enalta as capitais Amazônicas pelas riquezas de suas florestas.

Figura 2: SEQ Figura * ARABIC 2: páginas 24 e 25 do *Paleógrafo*



Fonte: Do arquivo pessoal das autoras

Na descrição da cidade de Belém, ou Santa Maria de Belém, capital do estado do Pará, Freitas (1906, p. 25) inicia categorizando como “*uma das mais belas e florescentes cidade do Brasil*”.

E segue a descrição, informando a localização geográfica da cidade em relação à baía do Guajará: “*está situada na margem direita da vasta e formosa Baía do Guajará*”

E aponta como levemente acidentado o terreno da cidade.

Nesses trechos, o autor faz uso dos adjetivos *belas*, *florescentes*, *vasta* e *formosa* para enaltecer apenas o belo da natureza, desconsiderando outros aspectos que também estão presentes. De uma vez que o autor em seu relato sobre a cidade de Belém menciona um comércio ativo, pressupõe haver trabalhadores que fomentavam a mão de obra deste comércio e que, possivelmente, teriam problemas de desigualdade social, porém são ignorados no relato do autor.

Essas representações mascaram uma série histórica de exploração da Amazônia e reafirmam as palavras de Andrade (2018), ao constatar que “Na Amazônia brasileira desta temporalidade, a lógica de desqualificação das realidades cotidianas e, portanto, as problemáticas ambientais, enquanto resultado da industrialização e derrubada da floresta revelam fortes evidências de esgotamento”. (ANDRADE, 2018, p. 5)

Dessa forma, os leitores são estimulados a crer na existência apenas do belo, não permitindo fazer uma leitura crítica da real situação da cidade, tendo em vista que o autor mascara possíveis desigualdades sociais que provavelmente assolavam os menos favorecidos.

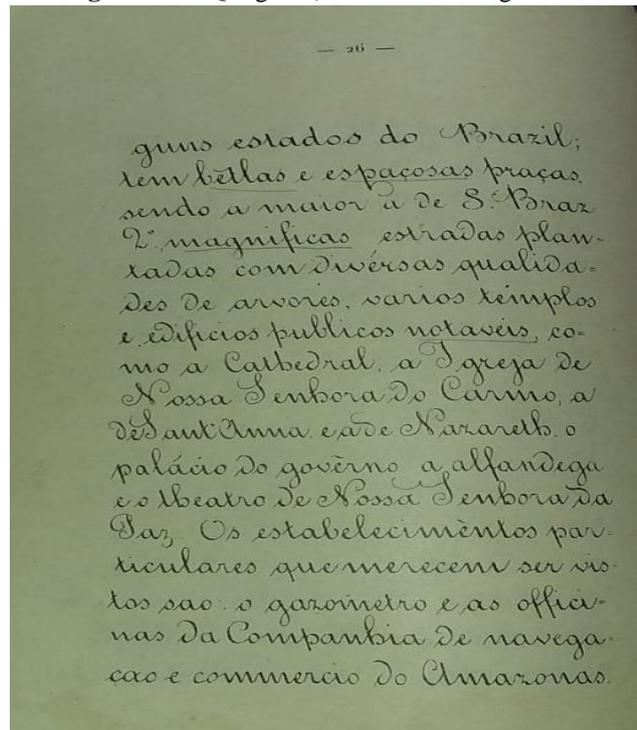
O autor enfatiza que o fundador da cidade de Belém foi o Capitão Francisco Caldeira Castelo Branco, na época do Império, com o rei D. José 1º, que governava Portugal e tinha um importante comércio com países como a Inglaterra, França, Portugal, Alemanha, Peru e Bolívia. O autor enaltece a beleza arquitetônica quando descreve que a cidade tem “*belas praças, sendo a maior a de S. Braz*”, continua seu olhar para a natureza quando descreve variedades de árvores, porém apresenta os prédios notáveis como: Catedral de Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora de Nazaré, o Palácio do Governo e o Teatro da Paz. Sobre isso, é importante observar que se apagam diante da descrição das ‘belezas arquitetônicas’ as condições em que foram sendo erigidas. Silva (2017) nos alerta para o fato de que:

...a exaltação positiva do “período áureo da borracha” é constante nos discursos governamentais e de alguns intelectuais, por fazer alusão a um “desenvolvimento” econômico acelerado e que não se repetiu mais na região. Por que só se fala sobre a Belle Époque, enquanto um empreendimento desenvolvimentista, e se esquece das condições nas quais esse período foi construído? No entanto, o outro lado da história não é tão divulgado nos diversos segmentos da sociedade: as inúmeras vidas

perdidas em prol da construção do teatro ou das obras arquitetônicas inspiradas nos modelos europeus. (SILVA, 2017, p. 54)

Assim os fatos históricos que sustentam as grandes construções arquitetônicas são silenciados em favor da exaltação de uma beleza que traz em si os traços do estrangeiro, sustentado sobre as condições precárias dos moradores locais.

Figura 3: SEQ Figura * ARABIC 3: Página 26 do



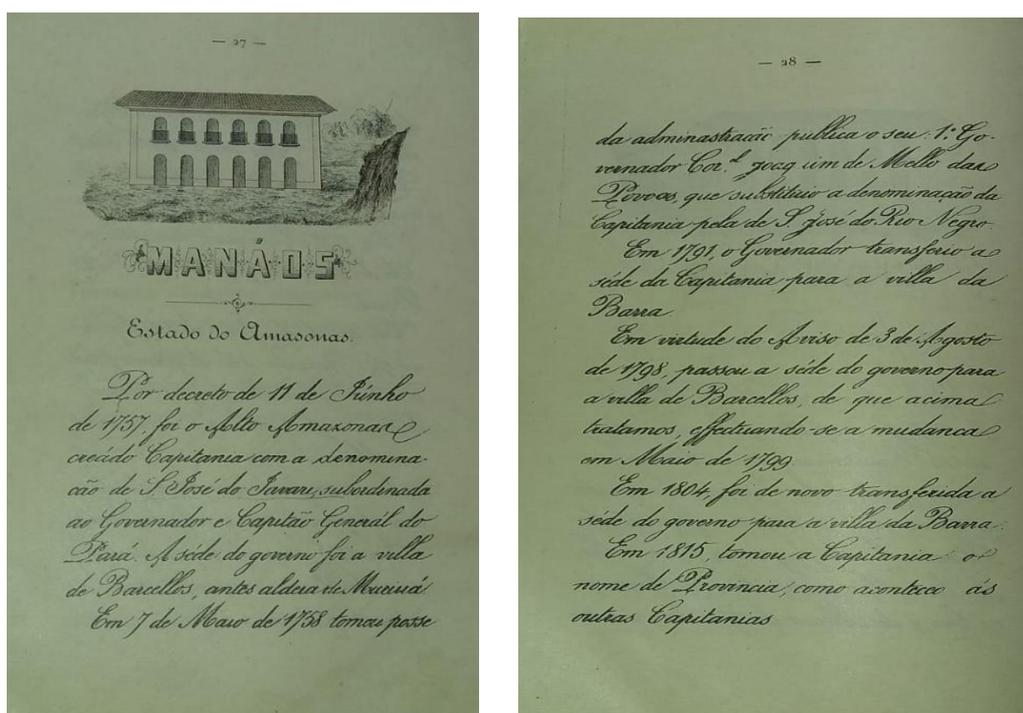
Fonte: Do arquivo das autoras

Podemos notar que os moradores da cidade de Belém são excluídos da descrição, que só enfatiza que “*A cidade de Santa Maria do Pará, é uma das mais belas e florescentes cidades do Brasil*”, usando adjetivos como “*belas, formosa, encantadora, espacosa, e notáveis*” para destacar os aspectos relacionados à natureza quando relata que ela “*está situada às margens direita da vasta e formosa baia do Guajará*”. Além disso, a cidade é definida como um lugar que “*apresenta um panorama risonho e uma perspectiva encantadora*, imprimindo sua subjetividade na apreciação da cidade do ponto de vista estético. A população, no entanto, só é referida em termos quantitativos, quando o autor aponta que “*a população é superior a 70 mil habitantes*”, em nada acrescentando sobre as características dos moradores da região.

A descrição da capital do Amazonas apresenta as mesmas características da capital do Pará. Freitas (1906 p. 27, 28, 29, 30, 31) inicia a apresentação de Manaus com dados referentes de como era conhecida, em 1757, Alto Amazonas, denominada capitania. Na época, tinha o capitão José do Favore em seu comando e subordinado ao capitão general do Pará.

No ano de 1758, seu primeiro governador é empossado, o coronel Joaquim de Mello, porém, no ano de 1815, deixa de ser companhia e passa ser província, perdendo o título de província em 1824, e passando a ser subordinada ao Pará. No ano de 1889, o Alto Amazonas era transformado em estado, com a consolidação da cidade de Manaus. Freitas (1906) afirma que

Figura 4. SEQ Figura * ARABIC 4: páginas 27 e 28 do Paleógrapho



Fonte: Do arquivo pessoal das autoras

“Manaus está assentada na margem esquerda do rio negro duas léguas de distancia do Amazonas”.

A cidade é vista pelo autor como pitoresca e o que lhe confere ‘graça’ e ‘elegância’ são as pontas que interligam as partes da cidade sobre os canais.

“A topografia da Capital é muito pitoresca; dois canaes a dividem em três partes, ligadas por meio de pontes de madeira, que lhe dão graça e elegância”.

De acordo com o dicionário Online de Português, o termo pitoresco pode ser entendido como um adjetivo que remete às ideias de:

Inusitado ou interessante; que se sobressai pela excentricidade.

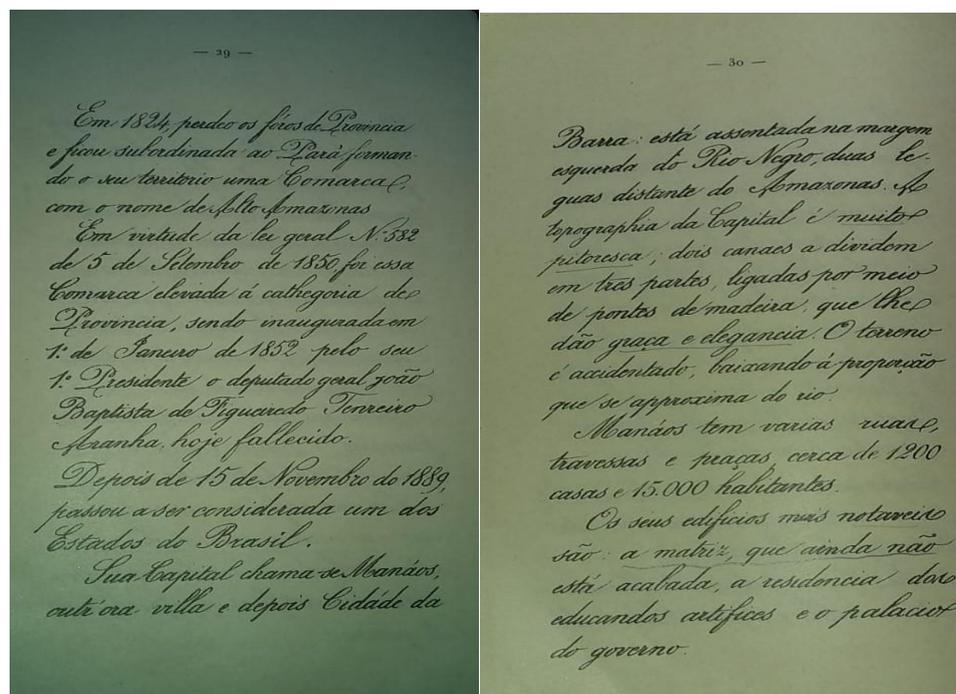
Capaz de divertir; divertido ou recreativo.

De essência própria e diferente; característico.

Que é merecedor de uma pintura, representação ou quadro.

Assim, pode-se entender que a cidade de Manaus tem sua valoração baseada em aspectos que a colocam no campo do excêntrico, lúdico ou contemplativo. Um lugar que se caracteriza por aspectos subjetivos que excluem a dinâmica social da cidade, com seus problemas socioeconômicos e políticos.

Figura 5. SEQ Figura * ARABIC 5:



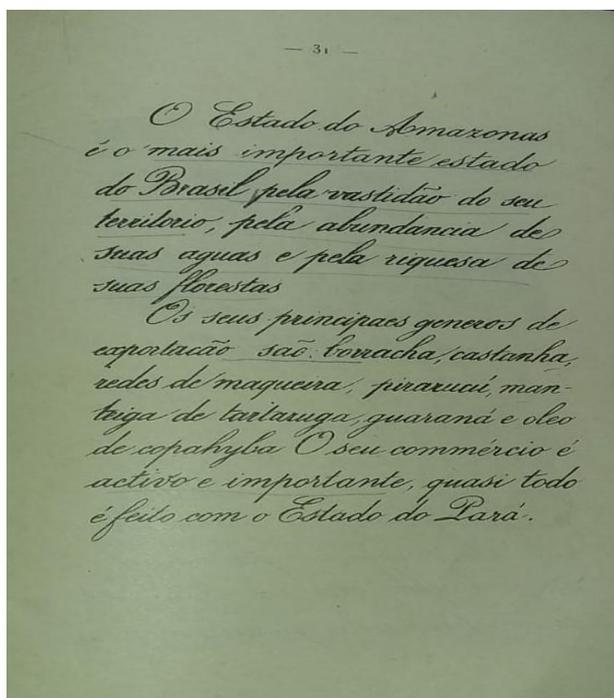
Fonte: Do arquivo pessoal das autoras

Os termos graça e elegância aparecem no texto como valoração estética da cidade, mesmo tendo seu terreno acidentado. Os aspectos privilegiados na descrição da cidade dizem respeito à existência de ruas, travessas, praças e número de casas – mil e duzentas – e habitantes - quinze mil. A arquitetura da cidade é valorada em termos de notoriedade, sendo a matriz, a residência dos educandos artífices e palácio do governo os mais notórios, prédios que representam o campo religioso, educacional e político.

Freitas (1906) continua deixando claro em sua obra o poder mandatário dos capitães que eram autoridade na época que governavam as cidades, como a cidade de Manaus que era governada pelo capitão José de Favare, cuja caracterização é pautada em termos como “*pitoresca, graça e elegância, notáveis para descrever a cidade de Manaus. Seus habitantes continuam sem tanta valorização quando o autor menciona que sua população é formada de 15 mil habitantes, as construções arquitetônicas com seus “edifícios notórios” como a matriz que ainda estava inacabada, exemplifica a importância do estado do Amazonas como*

*“**mais importante** estado do Brasil pela vastidão do seu território, pelas abundâncias de suas águas e pela riqueza de suas florestas”.*

Figura 6: SEQ Figura * ARABIC 6: página 31 do Paleographo



Fonte: Do arquivo das autoras

O autor deixa claro que o comércio é ativo, pois o estado comercializa gêneros de exportação como, a *borracha, a castanha, redes de mangueiras, pirarucu, manteiga de tartaruga, guaraná e o óleo de copaíba*, gêneros cujo valor comercial indicia a importância comercial do lugar, perspectiva sobre a Amazônia que permanece até a atualidade. O estado obtinha um comércio abrangente com a borracha, redes de mangueiras, manteiga de tartaruga, guaraná e óleo de copaíba que em sua maioria escoavam para o estado do Pará.

A importância da cidade é posta a partir da vastidão territorial, abundância de água, recurso caro à sociedade, e as riquezas advindas da natureza. Assim, o nó estruturante da

representação está relacionado a três aspectos: a paisagem, as riquezas e à geografia da região, e a valoração é estabelecida com base nos recursos que garantem algum retorno ao governo em termos de extensão e em termos econômicos, ficando excluídos aspectos relacionados à riqueza cultural e à situação socioeconômica dos habitantes da região.

CONSIDERAÇÕES

O autor descreve a cidade de Belém por sua riqueza florestal, suas praças e expõe a maior de S. Braz, seus prédios arquitetônicos imponentes como as catedrais que traziam em suas construções traços europeus, a beleza é exaltada até quando o autor aponta o “Terreno levemente acidentado”; a natureza é valorizada de forma que o autor em seu discurso só visualiza a cidade vista de outra margem, como se as florestas às margens da Baía do Guajará fosse território trafegável normalmente pelos habitantes de Belém, deixando ao leitor a impressão de que a cidade só tinha a beleza das florestas. A população é apresentada somente em um montante de 70 mil, não são valorizados os que já, na época, faziam com que a cidade de Belém crescesse tanto em território quanto em desenvolvimento e problemas sociais, que o autor deixa completamente implícito.

Da mesma forma, a cidade de Manaus segue o mesmo paralelo. Na visão de Freitas (1906), a natureza é tida como bela, porém seu comércio é completamente extrativista, isto nos sugere a presença das representações sociais quando o autor apresenta as duas cidades de uma vez que a obra era livro de leitura para as escolas da Amazônia.

Moscovici (2003, p. 29) descreve uma crença no “pensamento primitivo” onde “o poder ilimitado da mente” e que o “pensamento é uma réplica do objeto”, daí o olhar do autor da obra em questão colocar seu olhar primitivo de uma cidade bela, risonha de muitas florestas, e prédios notáveis”. Esse seria o seu olhar psíquico, porém externa essa representação, apontando o que de concreto a cidade tinha no momento, uma vez que a margem da cidade era vasta de plantas nativas amazônicas e as construções arquitetônicas eram de uma imponência notável, com moldes europeus que na época eram replicados.

A partir da perspectiva da ADC, podemos perceber que o autor se preocupa em expor somente as características que, para ele, eram importantes, como as belezas naturais, as riquezas extrativistas e a atividade comercial. Nos fragmentos, podemos perceber características da categoria analítica representação do espaço: florestas extensas e rios em abundância. Como se trata de um livro de leitura para as escolas, as representações sociais que o autor transmitia de uma cidade em que só havia as belezas das florestas e dos prédios que,

para ele, eram “notáveis” criam, no imaginário popular, a relação entre a região amazônica e as riquezas naturais apenas, apresentando-a como espaço a ser ‘civilizado’ cujo impacto sobre a região reverbera até a atualidade.

Outros aspectos eram silenciados como, por exemplo, as atividades culturais, os costumes das pessoas que habitavam esses lugares e, de certo modo, os problemas sociais da região. Isso significa que o autor indiretamente induzia a sociedade a crer que as cidades eram completamente livres de qualquer problema social, afirmando que a arquitetura das cidades era composta de “edifícios notáveis”. O foco na arquitetura aponta para uma valorização do que lhe é externo, pois essa arquitetura, na verdade, representava o aspecto europeu dessas cidades dada a influência da *Belle Époque* nessas construções.

No que diz respeito à presunção, duas proposições não necessárias: A região amazônica é representada como um lugar de belezas e riquezas naturais e primitivas a serem exploradas e a arquitetura é valorizada pela sua aproximação com o ideal europeu. As características da vida do povo da região são silenciadas assim como a sua descrição, o que faz com que essas representações ainda hoje ecoem na memória coletiva, gerando uma representação que coloca as cidades da região, no imaginário estrangeiro, como terra de indígenas e de mata, assim como de atraso tecnológico ou lugar primitivo.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Francisca Marli Rodrigues de. A Amazônia Além das Florestas, dos Rios e das Escolas : Representações Sociais e Problemas Ambientais. **Ambiente & Sociedade**, v. 21, p. 1–18, 2018.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Paleógrafos ou Livros de Leitura Manuscrita: Elementos para o Estudo do Gênero. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Batista/batista.htm>. Acesso em dez. de 2022.

BUENO, Magali Franco. Natureza como representação da Amazônia. **ESPAÇO E CULTURA**, UERJ, RJ, N. 23, P. 77-86, JAN./JUN. DE 2008.

DUARTE, R. D. Livros escolares de leitura da Amazônia: produção, edição, autoria e discursos sobre educação de meninos, civilidade e moral cristã. 365. Ed. Campinas: Pontes Editores, 2018.

FREITAS, J. P. C. Paleographo ou Arte de aprender a ler a letra manuscrita: para uso das escolas da Amazônia. 29. Ed. Paris: Lith. De Ch. Gaulon, 1906.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Bruno Pacheco. Comunicação: controle e rebeldia. In: BELTRÃO, Jane Felipe; LACERDA, Paula Mendes. *Amazônias em tempos contemporâneos: entre diversidades e adversidades*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2017. p. 42-53. Disponível em:

http://www.aba.abant.org.br/administrator/product/files/101_00175589.pdf. Acesso em dez. de 2022.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane (2011). **Análise de discurso (para) a crítica: o texto como material de pesquisa**. Campinas - SP: Pontes Editores. (Coleção Linguagem e Sociedade, vol. 1).

Amazônia representations on “*O paleógrapho ou a arte de aprender a ler letra manuscrita para uso das escolas da Amazônia*”

Abstract: This paper consists of a critical reading of a school textbook used in the Amazônia that had relevance to social daily life in the passage from the Empire to the Republic. We investigated discourses present in ‘*O paleógrapho ou arte aprender a letra manuscrita para uso das escolas da Amazônia*’ in order to analyze the possible social representations in the book. The theoretical-methodological approach used is based on the studies by Moscovici (2003) to conceptualize social representation; and, in order to carry out the analysis and elucidate the notion of discourse, a short delineation of this concept was made from the point of view of the Critical Discourse Analysis (CDA) of Resende and Ramalho (2011). The analysis indicated that the social representations contained in the book pointed to a representation whose structural knot revolves around nature, natural resources and urban architecture, silencing socioeconomic aspects that could hint at social problems and remove the mental image of an idyllic paradise that, historically, hovers over the Amazônia.

Keywords: Social Representation; Amazônia; Paleógrapho

Recebido em 09 de março de 2023
Aprovado em 08 de abril 2023
Publicado em 12 de junho de 2023